

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS ENTRE 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NÃO ALFABETIZADOS NA ESCOLA PÚBLICA

Vanessa Pieretti Porfírio Silva¹; Geane Torres da Silva²; Vanessa Gertrudes Rabatini³; Tatiana Platzer do Amaral⁴

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: vanpieretti@gmail.com¹

Estudante do Curso de Pedagogia; e-mail: geaneevivi@hotmail.com²

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: vrbatini@hotmail.com³

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: tatiana@umc.br⁴

Área do Conhecimento: Educação

Palavras-chave: Intervenção Didática, Educação Escolar e Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como objetivo de estudo o processo de apropriação da leitura e escrita, para além do domínio instrumental, ampliando as possibilidades de entendimento e análise da realidade com base no conhecimento historicamente acumulado.

OBJETIVOS

Análise e desenvolvimento de estratégias de intervenção didática no processo de escolarização de alunos do Ensino Fundamental II não alfabetizados no interior da escola pública voltado para 8º e 9º ano, assim como pelas estratégias didáticas propostas, trazendo como base teórica a Pedagogia Histórico-Crítica; Analisar, reorganizar e adequar estratégias didáticas ao momento do processo de alfabetização dos alunos; Servir-se de alguns documentos oficiais como o programa “Ler e Escrever”.

METODOLOGIA

Para darmos início a nossa pesquisa, dispusemos de encontros semanais e estudos aprofundados acerca da alfabetização, tivemos como estudo base o livro: *As perspectivas construtivistas e histórico-crítica sobre o desenvolvimento da escrita* (MARTINS e MARSIGLIA) e também pudemos estudar um dos capítulos da tese da Lígia, intitulado: *O papel da educação escolar no desenvolvimento psíquico* (2015). Dispondo como foco a tríade de planejamento proposto pela Pedagogia Histórico-Crítica: conteúdos-forma-destinatário, embasamos nossa pesquisa com as ideias centrais da Psicologia Histórico-cultural e Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvemos nossos planejamentos e demos início as nossas intervenções didáticas, partindo inicialmente de avaliações da escrita, para analisarmos a real dificuldade e trabalharmos para que ela seja sanada. Durante as idas à escola, foi realizado após cada encontro o registro de campo, no qual pudemos registrar todas as ações e observações dos alunos, diante de uma postura investigativa e analisar os dados adquiridos nos encontros de estudo com o auxílio da orientadora e co-orientadora. O diário de Intinerância representou mais que um instrumento de pesquisa para este trabalho, serve para demonstrar a importância do registro sistemático da prática docente e o quanto esta prática pode contribuir para a reflexão e análise crítica do trabalho do professor, por ele mesmo e por outras pessoas que se interessem em fazê-lo. Em contrapartida, realizar o diário de campo foi um momento desafiador para a realização da pesquisa, pois ao mesmo tempo em que atendemos as crianças, tivemos que realizar o

registro concomitantemente, fazendo com que tivéssemos dificuldades em registrar os detalhes de nossas falas e das colocações dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a avaliação de escrita percebemos que os alunos haviam dificuldades em escrever as palavras corretamente e criar frases complexas, além de não interpretar o que haviam escrito, assim poderiam ser atendidos pelo grupo. Entretanto, a escola é embasada pelo Construtivismo e nos foi alegado que os alunos que iríamos atender já estavam alfabetizados, mesmo que não tenham alcançado a proficiência na escrita e na leitura. Para o Construtivismo, a criança primeiro se desenvolve, para assim poder aprender. Para a alfabetização permeada pela perspectiva histórico-crítica se baliza nas concepções da psicologia histórico-cultural, formulada a partir das pesquisas de Vigotski, Luria e Leontiev. (MARTINS e MARSIGLIA, 2015). Embasadas pela tríade (conteúdo-forma-destinatário), percebemos que para que a aprendizagem de fato se efetive é necessário transferir as novas gerações aquilo que já foi desenvolvido ao longo dos anos, por meio do trabalho, essa transferência não é espontânea e para se aprimorar da cultura é necessário desenvolver ao máximo as funções psicológicas superiores, que são as funções psíquicas que caracterizam o ser humano, como: atenção voluntária, memorização, sensação, percepção, emoção, linguagem, pensamento e sentimentos, ou seja, comportamentos que nos distinguem dos animais. (MARTINS e MARSIGLIA, 2015)

Para que alcancemos ao máximo essas funções, a escola tem função primordial, pois a partir dela temos acesso aos conhecimentos científicos, conteúdos clássico e por meio deles nos humanizamos. (MARTINS e MARSIGLIA, 2015). Embasados com as ideias centrais da Psicologia Histórico-cultural e Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvemos nossos planejamentos e demos início as nossas intervenções didáticas. Nossa primeira ida a escola aconteceu no dia 26 de outubro de 2016, neste dia passamos para as crianças um poema do Mário Quintana, chamado “O Autorretrato”. A partir dele, perguntamos o que eles sabiam sobre as palavras do poema, quais delas não conheciam e o que vinha a ser um autorretrato e pedimos a eles que fizessem o seu próprio retrato. Essa atividade teve como objetivo criar vínculo com as crianças, para que pudessem se sentir à vontade com a nossa presença. Para encerrar nossa visita neste dia, aplicamos a avaliação da escrita, para que pudessem diagnosticar o que eles sabiam sobre a leitura e escrita, a primeira série despunha de seis frases, entre elas: Há muitas estrelas no céu, há uma lua, eu tenho treze dentes, duas mãos e duas pernas, uma árvore grande e o carro corre. A segunda série se formava de quatro frases, sendo elas: o gato tem quatro patas, a noite é escura, dois olhos e um nariz e uma árvore grande e uma pequenina. No dia 4 de novembro de 2016 aplicamos aos alunos uma avaliação de interpretação de texto, usamos para isso a lenda “O Dono da Luz”, esse texto foi retirado de o material “Ler e Escrever”, no qual o grupo o adaptou com duas questões centrais para serem desenvolvido pelas crianças. Essa atividade propiciou ao grupo balizas para que identificassem o grau de dificuldade que os alunos obtinham ao realizar a interpretação de textos. Visto que os alunos haviam dificuldade de interpretação de texto, as próximas duas intervenções tiveram como foco auxiliá-los nesse objetivo, assim como no aprimoramento da escrita. No dia 11 de novembro de 2016, começamos a trabalhar com os alunos a lenda “O Escravo Sebastião”, escolhemos essa lenda, por se tratar do cotidiano dos alunos, uma vez que ela retrata a história da cidade de Mogi das Cruzes. A lenda escolhida se chama: O Escravo Sebastião. Deixamos os alunos realizarem a leitura e após lemos para ele, ressaltando os pontos principais da história, em seguida respondemos as questões coletivamente, os instruindo a pensar sobre cada pergunta proposta na atividade. A última atividade aplicada aos alunos, aconteceu no dia 18 de novembro de 2016, nesse dia trabalhamos com o

aprofundamento da lenda citada a cima. Os alunos deveriam pintar na lenda fragmentos que nos ajudassem a responder as questões propostas no dia onze, e assim repensar na organização de uma interpretação de texto, diferenciando tema e título, caracterizando os personagens, e ressaltando os pontos principais. Não excluindo a necessidade de trabalhar a caligrafia, ortografia e fluência leitora. A partir dos dados acumulados, demos encerramento neste ano de 2017 à coleta de dados, com apenas mais duas visitas a escola citada anteriormente, para que assim pudéssemos realizar a avaliação final da escrita.

CONCLUSÕES

Podemos concluir que os objetivos foram contemplados, uma vez que entendemos que o processo de ensino e de aprendizagem é premissa fundamental para o desenvolvimento da formação humana e buscamos meios de criar intervenções didáticas, com intuito de avançar a aquisição da leitura e escrita dos alunos de 8º e 9º ano. Para que se efetivassem nossas ações, fizemos uso dos materiais do “Ler e Escrever”, assim como estudamos os documentos do PNAIC, para que pudessem nortear nossas ideias centrais acerca da alfabetização. Os resultados que encontramos foram positivos, de modo que percebemos avanços na escrita e na interpretação de textos, ao decorrer das intervenções, os alunos conseguiam fazer ligamentos psíquicos que os facilitavam a entender um texto como um todo e não de modo fragmentado. Entretanto, devemos levar em conta alguns aspectos que interferiram negativamente em nossas ações, impossibilitando maiores resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LURIA, A. R. (2006). “**O desenvolvimento da escrita na criança**”. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10. ed. São Paulo, Ícone. p. 143-189.

MARTINS L. M.; MARSIGLIA A. C. G. **As perspectivas construtivistas e histórico-crítica sobre o desenvolvimento da escrita**. 1 ed. Campinas. Autores Associados, 2015. p. 45.